

## **A feira de alimentos de corpos e alma: refletindo a partir de dinâmicas populares com a canção O Pidido, de Elomar Figueira de Melo.<sup>1</sup>**

Augusto Marcos Fagundes Oliveira - (UESC/Bahia)

### **Resumo:**

A feira é analisada aqui enquanto encruzilhada cultural, o catalisador é a canção “O Pidido”, da obra *Das Barrancas do Rio Gavião* (1972), de Elomar Figueira de Mello; o cenário é construído através da canção, das memórias e linguagens que são evocadas no “Micro fórum de luta por terra, trabalho e cidadania no sul da Bahia”, articulação que, no sul da Bahia se divide em dois núcleos: Ilhéus e Camacã. Opto refletir a partir do núcleo de Camacã, entidades e movimentos sociais do campo e da cidade - Associação para o Resgate Social (ARES/Camacã), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Geografia dos Assentamentos na Área Rural (GeografAR/UFBA), Movimento Estadual de Trabalhadores Assentados, Acampados e Quilombolas (CETA), Movimento pela soberania popular na mineração (MAM), sindicatos e associações de moradores da microrregião de Camacã, Santa Luzia, Pau-Brasil, Mascote, Jussari, Arataca, e Serra do Padeiro (Buerarema), tendo como meta construir eixo catalisador de mobilização social através de “Alternativas de Desenvolvimento com Participação Popular”, embasadas nas ideias de Paulo Freire, e nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), encruzilhando pertencimentos e memórias a partir da mística do profetismo social. A feira é um dos componentes que atravessa os eixos de formação. Indago como a arte, na mística do seu apresentar-se entretece solidariedades, “*sabências*” e ação política ao se refletir a feira nesse processo de alimentar corpos e almas.

Palavras-chave: mística; poética; agência.

### **Introdução**

A canção “O Pidido”, de Elomar Figueira de Mello é tomada nesta reflexão a partir da sua instrumentalização como catalisador em atividades do “Micro fórum de luta por terra, trabalho e cidadania no sul da Bahia”, articulação que é acionada por movimentos sociais através da construção de “Alternativas de Desenvolvimento com Participação Popular”, em ações de educação popular, ação participativa correlacionada à mobilização e retroalimentação tanto do processo de articulação, quanto das identidades que estão em

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

movimento, como uma feira de saberes populares, ou “*sabências*”, onde mais que trocas, se buscam fazer partilhas.

Por que esta canção como agente nesta articulação? Primeiro, faço esta opção, por considerar que assim se permite abrir caminhos para as diversas vozes de integrantes desse movimento, haja vista que a linguagem da canção dialoga com linguagens tradicionais do meio rural da região em ênfase, da área de influência de Camacã, e, como foi observado por uma participante: “esta música fala do jeito da gente, deixa a gente a vontade para falar, e tem gente da cidade que não entende muita coisa dessa linguagem, uma fala que a gente se protege”. Atentamos à potência cênica, sua sonoridade comunicativa através dos elementos conhecidos da gente nascida ali e que circula com os códigos dos locais.

Segundo, por permitir que a discussão seja canalizada para se pensar o encontro de identidades coletivas, individuais, plurais, que tem como cenário a feira que é de onde muitos desses sujeitos tiram seu sustento no comércio e tecem alianças.

As palavras “*sabências*” e “aliança” compõem o quadro a partir de falas dos sujeitos envolvidos no Micro fórum, que, nas rodas de conversa, ao discutirem alternativas de desenvolvimento, buscam casar experiências já vividas, e seus saberes, com outras “ciências”, buscam valorizar a trajetória dos seus grupos, suas cicatrizes da memória e o fruto do trabalho e do aprendizado como meios para superar adversidades, na perspectiva de ultrapassarem a fronteira de indivíduos e se confirmam “divíduos”<sup>2</sup>, entrelaçam partilhas em si mesmos e de si mesmos, compartilham suas trajetórias, percalços, utopias, reforçando o sentido de que não estão sozinhos, pois para estar ali participando dos encontros, algumas pessoas levam junto sua prole ou outra categoria de acompanhante, e ali se refazem na mística de serem companheiros(as).

A potência mística norteia a prática de articulação e educação popular, agência de cunho ecumênico que entretece catecismos e saberes populares com saberes de encantados de marcas étnicas afro-ameríndias, que entretecem processos educativos comunitários, através dos seus “ecossistemas socioeducativos” (ARAÚJO, 2006; MENEZES, 2015; PIMENTEL, 2002): a casa, a igreja, a roça, suas “sabenças”, seus mecanismos de

---

<sup>2</sup> Vide conceito através de Strathern (2006, p.40).

fortalecimento intra e inter-grupos, tomando freirianamente leituras do mundo, da palavra e da *palavramundo* (FREIRE, 1989) e: que se assumam papel crítico; que seja sujeito deste ato; que o ato de estudar, é de fato, uma atitude frente ao mundo de entretecer e valorização dos elos (FREIRE, 2015). E herdada das CEBs a mística do profetismo social-modelo de profetismo responsável por realizar uma crítica social ao denunciar as injustiças sociais, o poder e os ‘desvios morais e éticos’ (OLIVEIRA, 2015). Tal potência mística como um “*pedido*” que se faz mais além, para além do humano, como devoção, ou, para quem não crê, como pedido de fazer-acontecer entre humanos.

### **Do cenário de pedidos e “*pedido*”**

O quadro social que promove os encontros desses sujeitos, que se justificam como “um espaço de discussão e ação que nasceu da necessidade de reforçarmos as nossas lutas regionais do campo e da cidade”<sup>3</sup>, através das entidades participantes: CPT; CETA; CIMI; ARES-Camacã; STR- Santa Luzia; GEOGRAFAR; MAM; Levante Popular da Juventude, Paróquia São João Batista – São João do Paraíso – Mascote; “aberto a toda e qualquer entidade que queira participar”<sup>4</sup>. O verbo pedir, na mística que se promove nestes encontros se reveste de alianças e do entretecer juntos, mais que trocas possíveis, pode se traduzir como compartilhar, e também como construção coletiva da utopia da esperança.

Os encontros são mensais, os temas predeterminados nas articulações e que têm como objetivo suprir carências de informações que os seus sujeitos têm, pontuadas na necessidade de se assegurar que os discursos alimentem ações, que mesclam trajetórias coletivas e individuais. São mulheres negras em sua maioria, dentre coletivos de quilombolas, indígenas, camponesas e camponeses sem-terra, representantes de comunidades de fundo e de fecho de pasto, algumas em processo de ocupação, ou de retomada de terras. Todos integrantes vivem a diminuição do acesso à água, alguns vivem o impedimento a tal acesso<sup>5</sup> dado por mecanismos de invisibilização jurídica, de negação da condição de pessoa, de negação do estatuto de agente social, de subordinação, “invisibilidade expropriadora” (BANDEIRA, 1990).

---

<sup>3</sup> Fonte: Programa do Curso de Realidade Brasileira Camacã, junho/julho de 2018.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> As fontes de tal informação são falas de tais sujeitos, e também faço uso de Canuto *et alii* (2016), a mais recente publicação da CPT que abrange os conflitos no campo no Brasil que está acessível ao público.

Micro fórum enquanto agenciamento que se efetiva quando os sujeitos catalisadores, enquanto *divíduos*, divisíveis e plurais portanto, pactuam continuidade dos encontros, retornam às comunidades e retroalimentam a formação protagonista intra-comunidade e inter-comunidades, as entidades participantes com seus próprios campos de ações - sindicatos, associações de moradores/produtores, ambientalistas, ONGs, centros comunitários, paróquias. Desta socialidade elegem-se os temas: formação étnico cultural do povo brasileiro; formação econômica do Brasil; formação das classes sociais brasileiras; a questão agrária brasileira; o patriarcado brasileiro; trabalho de base e projeto popular para o Brasil.

Os interlocutores que assumem o direcionamento das reflexões são docentes e estudantes universitários e outras lideranças comunitárias envolvidas com o protagonismo da voz e dos sujeitos subalternos num processo de “articulação de solidariedade” face a violência que não é fruto do acaso, mas de um projeto político e econômico hegemônico que se impõe através de litígios de terra, ameaças várias de empresas agropecuárias ou lavradores (FIGUEIRA, 2008). Afirma Cosme que “a Bahia sozinha teve mais da metade dos conflitos ocorridos no Nordeste (57,14%), distribuídos da seguinte forma: 13 por mineração, 5 por empresários, 04 por fazendeiros e 02 por hidrelétricas” (2016, p. 129).

De acordo com a Executiva e Coordenação Nacional da CPT (CANUTO, 2016), a política que vem reforçando um modelo de expansão do capitalismo no campo, subordinando ao mercado a agricultura, pecuária, extrativismo, agroindústria, artesanato rural traduziu números crescentes de violência e conflitos no ano de 2016:

61 assassinatos, mais de 5 por mês (entre as vítimas, 16 jovens de 15 a 29 anos, 01 adolescente e 06 mulheres). No quadro dos últimos 25 anos, número superior a esse só em 2003, com o registro de 73 assassinatos;  
1.079 ocorrências de conflitos por terra, (ações em que há algum tipo de violência - expulsão, despejo, assassinatos, tentativas de assassinato, ameaças de morte, prisões etc). É o número mais elevado nos 32 anos de registros da CPT;  
1.295 no total do conjunto dos conflitos por terra - soma de ocorrências, ocupações/retomadas, acampamentos - média de 3,8 conflitos por dia. Número mais elevado desde 2006;  
172 conflitos pela água, número mais elevado desde quando a CPT iniciou o registro em separado destes conflitos em 2002;  
1.536 conflitos no campo – soma de conflitos por terra, pela água e trabalhistas - média de 4,2 conflitos por dia. Número mais elevado desde 2008.

Neste cenário de conflitos por terra, ocupações e retomadas, conflitos trabalhistas, trabalho escravo, conflitos pela água, que as articulações urgem para que as populações

locais possam dar conta dos enfrentamentos, dos conflitos no campo, alimentando a “cultura da fé” em oposição à “cultura da corrosão”, fazendo uso dos termos de Barba (2012), produzindo significados e cicatrizes na memória das comunidades e dos indivíduos, e insuflando novos valores, o que se recompõe através das articulações de solidariedade.

Considerando que nesta região cuja característica de produção era o “espaço derivado” (CHIAPETTI, 2009)<sup>6</sup>, tem-se vivido conflitos correlatos à ocupação da terra e acesso à água, que se tornaram mais agudos com a “crise da vassoura de bruxa” evidenciando desigualdades sociais, gerando pauperização e favelização da população, e fluxos migratórios que viriam a se adensar em cidades tidas como polos regionais: Ilhéus e Itabuna.

As cidades de pequeno porte, mais vulneráveis, aí que entram em cena grupos subalternos, que, em meio a tensões com as autoridades locais, acionam a potência da organização e mobilização sociais, como o caso de articular a sociedade civil a colher assinaturas, e avançar com demandas no setor jurídico e na formação de lideranças. Tensões num cenário, mas que nos bastidores são estes grupos subalternos que, em grande parte movimentam seus comércios com as feiras, sejam nos mercados populares, centrais de abastecimentos, ou praças da feira, que embora possam ocorrer ao longo da semana, sua culminância é basicamente nos sábados e domingos.

### ***O *pidido* como recomposição de ser.***

A canção que vem ao encontro já fora gravada em diversas vozes, a exemplo do próprio compositor, também Andréa Daltro, Roze, Francisco Aafa, Elba Ramalho, Xangai, Paulinho Pedra Azul, Teca Calazans, dentre outros, e que também se refaz na pluralidade de vozes das pessoas ali no encontro, e tem a seguinte letra:

Já qui tu vai lá prá fêra  
Traga di lá para mim  
Água da fulô qui chêra

---

<sup>6</sup> A classe dos proprietários de terra e de capital, que sempre teve representação no exercício do poder político, afirmou-se novamente como classe hegemônica política e econômica, na vanguarda do desenvolvimento econômico regional. Mas, sem proporcionar uma redefinição do poder econômico que representasse uma mudança nas relações sociais e na vida material da sociedade, apenas confirmou-se para a região a vocação histórica de um espaço derivado, isto é, a consolidação de uma situação geográfica favorável ao fluxo de exportação de matéria-prima para abastecer mercados distantes e contribuir com o aumento dos fluxos financeiros para o reforço das reservas cambiais (CHIAPETTI, 2009, p.53-54).

Um nuvelo e um carmim  
Trais um pacote de misse  
Meu amigo ah se tu visse  
Aquele cego cantadô!  
Um dia ele me disse  
Jogano um mote de amô  
Qui eu havéra de vivê  
Pur esse mundo  
E morrê ainda em flô  
Passa naquela barraca  
Daquela mulé reizêra [raizêra]<sup>7</sup>  
Onde almoçamo paca  
Panelada e frigidêra  
Inté você disse uma lôa  
Gabano a boia bôa  
Qui das casa da cidade  
Aquela era a primêra  
Trais pra mim ùas brevidade  
Qui eu quero matá a sodade  
Fais tempo qui fui na fêra  
Ai sodade...  
Apois sim vê se num isquece  
Quinda nessa lua chêa  
Nós vai brincá na quermesse  
Lá no Riacho d'Arêa  
Na casa daquêle home  
Feitecêro e curadô  
Que o dia intêro é home  
Filho do Nosso Sinhô  
Mais dispois da mêa noite  
É lubisome cumedô  
Dos pagão qui as mãe isqueceu  
Do batismo salvadô  
E tem mais dois garrafão  
Cum dois canguin responsadô  
Apois sim vê se num isquece  
De trazê ruge e carmim  
Ah se o dinheiro desse!  
Eu quiria um trancilin  
E mais treis metro de chita  
Qui é preu fazê um vistido  
E ficá bem mais bunita  
Qui Madô de Juca Dido  
Qui Zefa de Inhô Joaquim  
Já qui tu vai lá prá fêra  
Meu amigo trais  
Essas coisinhas para mim...

Começamos por nos sensibilizarmos com a canção, o que ela evoca, dos sonhos, do que a memória acena, das comparações do antes e do agora num potente diálogo

---

<sup>7</sup> Algumas reproduções de letras desta canção trazem esta palavra “raizêra”.

intergeracional de universos urbano e rural entretidos por *sabências* de intelectuais da tradição e outros intelectuais, por outros universos, indígenas e quilombolas, femininos e masculinos, ou outras mesclas, e seus encantados, ou suas visagens em enredos de transições e trânsitos, e, como escreveu Barba (2012, p.17) afirma: “a transição é uma cultura”.

E ao usar a canção como ferramenta de trabalho, alegrias e tensões emergem nas falas, desde a alegria que era de saborear a paca na feira de Una ou em Mascote, ou de que também já não se saboreia mais um caranguejo naquela feira como antigamente, da saudade do tempo da brevidade e da amoda.

Assim como afluem memórias relatando que, devido a presença de grupos religiosos intolerantes e suas tramas com poder local de alguns municípios, estão diminuindo as mulheres “reizêra”, e também as quermesses, e os homens curandeiros dos “modos de antigamente”. Também estão sumindo os “causos” de lobisomens e dos pagãos – crianças não batizadas-, mas que, aqueles sujeitos ali afirmam que não entram na mata sem um punhado de fumo. E outras vozes agregam tanto a preocupação com o meio ambiente, o rio, e a alternativa que se tornou necessidade: um trato sustentável, agricultura familiar.

Mas destaca-se que ir na feira sempre foi de ir para ver gente, e que ainda é assim, ir à feira para comprar provisão para casa, mas como forma de se enamorar e namorar, programar festas, quermesses, rezas, mais que somente trabalhar ou arrumar as coisas para levar para casa, e às vezes também para outros familiares e vizinhos e mais que o supermercado onde se compra, na feira, nas praças da feira, não se compra e vende somente coisas, mas se comercializam modos de ser que ultrapassam o vender e o comprar, se criam laços, se cria um ensinar-aprender, um conviver e convidar a conviver.

Afloram narrativas que tratam das distâncias de se ir à feira, do tanto que se anda a pé, seja sob o sol ou sob a chuva, dos casos de atoleiros e lama e de se conseguir cumprir a missão “de se atender um pedido”. E se impõe no contexto das falas a condição de superar adversidades, superar obstáculos, romper a invisibilidade, as lutas cotidianas, os laços de solidariedade retratados nos fundos de pasto, quando alguém precisa chamar uma parteira ou levar num médico, ou quando se precisa fazer um funeral.

Josivaldo chama a atenção sobre a venda de hortaliças na feira em Itaju do Colônia, em Camacã, Juçari, Jacareci e Pau Brasil, e de como isso tem garantido a uns parentes<sup>8</sup> conseguir atravessar e circular pelas cidades quando as tensões aumentam em relação aos povos indígenas. Das hortaliças se adentram às receitas de comida e de remédio e às cozinhas, apesar dos preconceitos contra os parentes, vínculos são estabelecidos, freguesias de coisas de gente e dos encantados.

Jilcélia alerta que estas idas e vindas fazem com que ela saia do eixo de apenas estar em casa, ela está na estrada, ela está na feira, ela vai ao movimento, ela deixa de ser mulher do marido para ser mulher da comunidade para além do Assentamento onde mora, e que o marido rememora de como ela era antes do movimento e como ela é agora, e que, seguindo seus passos, a filha também vem se tornando líder juvenil na comunidade, articuladora na Procissão e na 41ª Romaria da Terra e das Águas que ocorre em Bom Jesus da Lapa (Ba)<sup>9</sup>. E salienta que a feira junta o profano e o sagrado, ela é carregada de mística, que permite se aproximar das pessoas e das casas para acompanhar a saúde das crianças e das gestantes, pesar os bebês, passar remédios e comidas e informações, de articular o movimento com suas pedagogias.

O movimento que se constrói nessas pedagogias que nem todo mundo vê, subterrânea, em dias de feira, em dias de visitas, de lembranças, diz-se de um bolo de aipim que se presenteia e uma muda de planta que se agradece. O movimento que se articula para enfrentar os grandes que estão comprando terras com desculpa de turismo ecológico, ou plantações de eucalipto, criação do gado, além das cercas de arames farpados que, se não forem impedidos de avançar, a cada semana tiram mais e mais das terras dos nativos dali, que é quando o pedido se refaz em solidariedade, em ação conjunta, pois uma pessoa pede alguma coisa a alguém, ou a Deus, aos encantados, aos guias.

### **Considerações finais**

O pedido se traduz como ligação, eixo relacional, e “o pedido” como instrumento de reacender solidariedades e de se valorizar a gente que mora no campo, na cidade, as gentes

---

<sup>8</sup> O termo “parentes” é frequentemente usado como relacional entre os indígenas.

<sup>9</sup> COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **41ª romaria da terra e das águas em Bom Jesus da Lapa (Ba)**. Panfleto. CPT Bahia, 2018.

que são postas a viver nas margens, e que são as margens que se tocam, que tecem e entretecem.

*O pedido* evoca a política-poética que alimenta cada vivente em corpo e alma, a vivência didático-pedagógica deixa perceber que *o pedido* e os tantos pedidos evocam a força potente de alimentar resistências, existência e persistência, através de afetos e laços de pertencimento singulares e plurais confluentes de gentes e personas.

Pedidos que redimensionam ações e compromissos, aciona memórias e trajetórias, catalisa vozes protagonistas, os pedidos enredam trânsitos e transições, pertencimentos e caminhos e feiras, que seguirão existindo para além dos lugares destinados ao apenas comércio pecuniário.

A feira por si só atravessa o pecuniário em possibilidades políticas de organização e parcerias, assim como justapõe universos através da sua poética, a estética da feira que atravessa tempos e espaços e enreda memórias, (in)visibilidades e protagonismos potencializados por sua pedagogia subterrânea.

## **Referências**

ARAÚJO, Maria Emília Carvalho de. **Lugar é laço**: saber profundo nas comunidades Goianas de Cibele e Caiçara. Tese de doutorado em Educação. Universidade Federal de Goiás, 2006.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. Terras negras: invisibilidade expropriadora. In: NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE IDENTIDADE E RELAÇÕES INTERÉTNICAS. Terras e territórios de negros no Brasil. **Textos e debates**. Florianópolis, ano 1, nº2, 1990, p.7-23.

BARBA, Eugenio. **A canoa de papel**: tratado de antropologia teatral. Brasília : Teatro Caleidoscópio & Editora Dulcina, 2012.

CANUTO, Antônio. 2016 sob o signo da violência. In: CANUTO, Antônio; LUZ, Cássia Regina da Silva; ANDRADE, Thiago Valentim Pinto (Coord.). **Conflitos no campo – Brasil 2016**. Goiânia : CPT Nacional, 2016.

CANUTO, Antônio; LUZ, Cássia Regina da Silva; ANDRADE, Thiago Valentim Pinto (Coord.). **Conflitos no campo – Brasil 2016**. Goiânia : CPT Nacional, 2016.

CHIAPETTI, Jorge. **O uso corporativo do território brasileiro e o processo de formação de um espaço derivado:** transformações e permanências na Região Cacaueira da Bahia. 2009. 205 f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Campus Rio Claro, 2009.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **41ª romaria da terra e das águas em Bom Jesus da Lapa** (Ba). Panfleto. CPT Bahia, 2018.

FIGUEIRA, Ricardo Rezende. **Rio Maria:** canto da terra. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2008

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo : Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2015.

MENEZES, Izabel Dantas de. Sabenças na comunidade tradicional de fecho de pasto Mucambo, Antônio Gonçalves (BA). 37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis. Disponível em: [www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt03-3695.pdf](http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt03-3695.pdf)

OLIVEIRA, Augusto Marcos Fagundes. **Êxodos e encruzilhadas da Missa dos Quilombos.** 2015. 388F. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

PIMENTEL, Álamo. **O elogio da convivência e suas pedagogias subterrâneas no semiárido brasileiro.** Tese de doutorado em Educação - Universidade Federal Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.